

DISSOLVER PARA SOBREVIVER: HIPERSTIÇÃO ENQUANTO TECNOLOGIA DISCURSIVA

Vinícius Oliveira de Melo¹

Resumo

O presente artigo propõe analisar criticamente os desdobramentos do discurso que consagra Nick Land enquanto uma figura influente e intelectual relevante em segmentos da nova direita neo-reacionária (NRx). Compreende-se que o conceito de hiperstição, pode ser um elemento chave para se compreender a lógica de ação do filósofo, retoricamente útil enquanto tecnologia discursiva enquanto modo de tornar ambíguo e obscuro seu posicionamento político-filosófico. Seu construto teórico e suas declarações recentes demonstram uma continuidade e coesão lógica, sobretudo ao posicionar-se enquanto intelectual marginal (auto)silenciado, pretensiosamente desinteressado e apático, ainda que seja reconhecidamente donatário de capital simbólico enquanto agente do campo político e intelectual.

Palavras-chave: Hiperstição. Movimentos de extrema-direita. Análise crítica do discurso. Tecnologias discursivas. Nick Land.

¹ Mestrando na linha de pesquisa de Comunicação, Cultura Digital e Tecnologia no programa de pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPG-CHS) da Universidade Federal do ABC (UFABC), no PPG-CHS (Ciências Humanas e Sociais), orientado pela Professora Doutora Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho e bolsista CAPES-DS. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Pesquisa cultura pop japonesa, teoria social contemporânea, estudos sociais em ciência e tecnologia (ESCT), filosofia pós-estruturalista francesa e novas epistemologias Contato: melo.v@ufabc.edu.br.

Abstract

This article proposes a critical analysis of the discourse that establishes Nick Land as an influential and relevant intellectual figure within segments of the neo-reactionary new right (NRx). It argues that the concept of hyperstition may be a key element in understanding the philosopher's modus operandi, serving as a rhetorically useful discursive technology to render his political-philosophical positions ambiguous and obscure. Land's theoretical constructs and recent statements demonstrate a continuity and logical cohesion, particularly in his self-positioning as a marginalized, (self)silenced intellectual who is ostensibly disinterested and apathetic, despite being a recognized recipient of symbolic capital within political and intellectual spheres.

Keywords: Hyperstition. Far-right movements. Critical discourse analysis. Discursive technologies. Nick Land.

Introdução

Preocupa-nos constantemente a ânsia de escrever sobre o que não se toca e não se vê, porém o fazemos constantemente ao recorrer a outros sentidos tão confiáveis quanto, e que nos permitem vislumbrar a existência de um fenômeno que nos encara cotidianamente. Não se propõe tocar no Estado, haja vista que este não é um ser físico, assim como não se propõe sorver o calor do fogo. Porém, tais obstáculos demonstram ser possíveis de serem ultrapassados por um instrumento singular: a linguagem. O que nos leva a conjecturar sobre a enigmática frase "O CCRU não existe, nunca existiu, e nunca vai existir" (CCRU, 2015, p.6, tradução nossa) que estampa boa parte das publicações a respeito da Cybernetic Culture Research Unit (CCRU), e que parece ter sido declarada oficialmente pela Universidade de Warwick (*ibid*, p.6), servindo de recurso narrativo para captura da atenção e estímulo à curiosidade do leitor que se depara com uma contradição aparente sobre a unidade de pesquisa desta universidade, seu "habitat temporário" (CCRU, *loco citato*) que criou para si uma mitologia própria que arrasta seguidores fiéis.

Ora, um grupo estabelecido em uma sala fixa, com reuniões frequentes, ainda que não institucionalizados pela universidade em questão, contava com a participação de professores, alunos e colaboradores diversos e tinham por depósito de ideias a internet em sua época dourada de fóruns e grupos de discussão. Temos por pista a oportuna suspensão de suas atividades no primeiro *habitat*, sendo este um grande passo na constituição de uma representação mistificada do marginal voluntariamente dissidente: não caber nos moldes tristes e castradores da institucionalidade reconfigura-se na oportunidade em apelar ao público que por motivos, justos ou não, também via na academia um lugar inacessível, a torre de marfim onde se isolavam os intelectuais acolhidos pela fábrica dos discursos legítimos da modernidade cientificista. Movendo-se para outro local, agora em Leamington Spa (REYNOLDS, 2024), aprofunda e complexifica sua potência hipersticional ao incorporar formas não

usuais de experimentação esotérica e filosófica sob o comando de Nick Land, posto que sua ex parceira acadêmica e fundadora do grupo, Sadie Plant, se afasta do excêntrico filósofo.

Dito isso, propomos aqui um mergulho no perigoso mar dos discursos marginais das novas direitas, que quando excitados nos presenteia com o que até pouco era desconhecido: o ressentimento, que enquanto produto da ideologia, impele-se em organizar seu descontentamento de forma aparentemente fragmentada e contraditória, valendo-se justamente dessas características enquanto estratégia retórica. O que seria tão mais mágico que um inconsciente coletivo que se materializa em uma inteligência exterior estabelecendo suas vontades e ações pela fragmentação e contradição? Mais que isso, há de pronto um inimigo bem visível e que tem constantemente expulsado e deslegitimado uma horda de descontentes comuns sem que se apresente de modo inteligível suas justificativas. Dá-se constantemente munição aos descontentes quando estes não são assimilados, ou é proeza dos descontentes a reconfiguração de seu estatuto de excluído para justificar seus afetos mais hostis?

Este artigo busca, de forma concisa, porém não menos criteriosa, analisar criticamente o discurso que eleva Nick Land ao posto de grande influenciador de uma nova leva de reacionários, bem como analisar como o ex-professor e filósofo em questão se arma de seu *status* de *outsider* para capturar a atenção e emplacar seu projeto político que tem como germes a misteriosa unidade de pesquisa que continua a viajar retrocronicamente nos meios digitais da cibercultura, desprezando o espiral do silêncio (NOELLE-NEUMANN, 2017), fazendo para si companheiros que tornam possível a disposição em circular ideias potencialmente reprováveis (GLYNN, et al, 1997) ainda que tentando se evadir da responsabilidade de suas declarações ao performar um tipo singular de desinteresse interessado (RODRIGUES, 2017). Para tal empreitada, analisa-se aqui uma série de depoimentos sobre suas excentricidades, seu modo não convencional de teorizar a modernidade, seus diálogos com outras

figuras relevantes do meio aceleracionista e neo-reacionário, e propõe-se trazer à luz suas intenções pretensiosamente desinteressadas e contemplativas.

Trazendo a informação do futuro

Sendo, porém, um conceito central para o entendimento da produção da CCRU e de Nick Land, cabe aqui ressaltar o papel da *hiperstição*, para além do escopo teórico da filosofia landiana, para a própria ação e prática para-acadêmica de Land. Hiperstição aqui não é somente entendida enquanto "um circuito de retroalimentação positiva que inclui a cultura como um componente. [...] a tecnociência experimental das profecias autorrealizáveis" (LAND, 2009, tradução nossa), porém aventamos a possibilidade desta ser utilizada enquanto uma tecnologia discursiva (FAIRCLOUGH, 2008, p.265) com modos e lugares próprios e adequados. Alguns diriam que o filósofo britânico seria um agente da política neoreacionária, este, ao ser questionado sobre sua postura ante o que chamam de movimento neo-reacionário (NRx) em entrevista à Marko Bauer e Andrej Tomažin, dá como resposta ser um mero curador (LAND, 2017a).

O que aventamos aqui enquanto hipótese é: ao identificar, através de suas conjecturas teóricas, a história como um espaço que não obedece uma lógica linear, e munindo-se do entendimento que a cibernética é algo que se aplica não só a fenômenos computacionais mas também sociais, Land compreende o potencial do mito como um agente criativo para elaborar um discurso potente que confunde prescrição e diagnóstico, posicionando-se como porta-voz pretensiosamente neutro, porém, potencialmente impulsionador das condições de contradições explosivas que expulsam de vez o humano da história, e tornam real a inteligência autônoma denominada *singularidade* em sua meta-narrativa aceleracionista. Porém, em termos mais práticos e imediatos, tais movimentos discursivos facilitam seu estabelecimento enquanto intelectual relevante e figura de culto enquanto para-acadêmico renegado que age de acordo com

seu próprio panorama teórico-metodológico. Land decide viver como imagina ser a ficção: uma realidade co-criada através da contradição e fragmentação, onde, sabendo-se como se posicionar em meio ao caos, consumam-se os objetivos sem que haja necessidade de planejamento e organização. Ademais, a pergunta que se mantém no ar em círculos de debates aceleracionistas de que os escritos do "novo" Land da NRx seriam uma continuidade lógica ou rompimento herético com dos escritos do "velho" Land da CCRU, cai por terra ao percebermos que continuidade e descontinuidade podem conviver enquanto contradições que são constantemente reorganizadas temporalmente por meio da intencionalidade.

Conceitos como artifícios retóricos e tecnologia discursiva

Em seu glossário, a CCRU expõe brevemente o termo *hiperstição* como um “elemento da cultura efetiva que se torna real, através de quantidades ficcionais funcionando como potenciais em uma viagem no tempo” (CCRU, *op.cit*, p.330, tradução nossa) operando como um intensificador de coincidências, menos por convergências espontâneas e mais por dinâmicas temporais que obedecem um circuito de feedback positivo na história. Hiperstição é, portanto, uma ideia que através de sua potência, viaja no tempo e se materializa/realiza no futuro, não é somente um conceito *teórico-ficcioso* delirante, mas um operador ontológico que embaralha as fronteiras entre ficção e realidade. Possui, portanto, um mecanismo que é duplo de diagnóstico (mapeia fissuras no real) e de profecia (materializa futuros por meio de excitações discursivas).

Hiperstições não são simplesmente criadas, mas ativadas por redes distribuídas e não-lineares de desejo e capital, podendo ao máximo serem identificadas e intensificadas, se tornando mais bem sucedida quanto mais é naturalizada, expondo assim sua realidade enquanto um circuito de *feedback* positivo que se produz externo à agência humana. Não exigindo uma crença, ao contrário, desprezando a crença (LAND, 2009) e abraçando o ceticismo que só

é possível por ser real — ainda que não seja na temporalidade presente. Curiosamente, um conceito que geralmente é utilizado para dar conta das dinâmicas que promovem a aceleração de contradições do capital dentro da teoria landiana, é utilizado também como instrumento de legitimação retórica ainda que não explicitamente. Talvez o autor se dê demasiada importância, ou a cria, quem sabe?

Explorando ainda a impactante frase sobre a existência do misterioso grupo de Warwick, podemos afirmar algo: CCRU está dissolvida, e para seus fins, isso é positivo. Ao migrar de Warwick para Leamington Spa, o grupo não se mudou, outrossim, dissolveu-se, como um bloco de sal na maré cheia, infiltrando-se nas rachaduras do discurso acadêmico e das subculturas neo-reacionárias. CCRU não foi destruído — foi absorvido pelo próprio mar que, contra suas próprias alegações teóricas, pretendia dominar. Mark Fisher, ao comentar sobre o papel de Land, e neste caso, de Kdwo Eshun na CCRU enquanto um mediador ou um informante do exterior à academia ao trazer a música *jungle* para o departamento de filosofia através do grupo de pesquisa que compunham, aponta que "[...] algo como o *jungle* já era intensamente teórico por natureza; não exigia que acadêmicos o julgassem ou discursassem sobre ele com autoridade — o papel de um teórico era o de um intensificador" (FISHER, 2018, p.15, tradução nossa). Papel esse bem desempenhado pelo grupo e principalmente por Land, que não busca ativamente resgatar a memória dos tempos áureos da CCRU, não gostando de fazer demasiadas retrospectivas pois seus interesses mudaram para questões mais contemporâneas, e de seus escritos antes da virada neo-reacionária, como pode ser visto no depoimento de Maya B. Kronic sobre seu professor ao dizer que "[...] considerando o fato de que, segundo o Nick Land atual, a pessoa que os escreveu não existe mais" (KRONIC, 2012, tradução nossa). Aqui, a hiperstição opera como um ritual de dissolução. Não diz a respeito, somente, de "prever" o futuro, mas de afogá-lo em narrativas até que ele respire líquido, até que suas prescrições, léxicos, provocações e *framework*

teórico esteja completamente engendrado no tecido social de seu sector teórico e subcultural a ponto de ascender a uma naturalização lógica, ou de forma mais tímida, a sua consagração dentro e fora da academia.

Tomamos aqui a liberdade de subverter um escrito clássico da sociologia francesa. Ora, tal qual a escola, que é na modernidade seu vetor de publicização e legitimação do conhecimento ali produzido, a academia através das universidades, produz um repertório discursivo, linguístico, intelectual, ou mais especificamente como formula Pierre Bourdieu “[...] um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação [...]” (BOURDIEU, 2005, p.206), que, não alinha necessariamente as respostas e as conclusões, mas constrói a legitimidade das questões através de estruturas de pensamento e sistemas de significados através de uma aceitação e uso compartilhado de códigos específicos — que os consagra e incessantemente os reproduz. Não sendo, diante do exposto, um mero acidente a relação entre a academia e o discurso corrente legitimado nas democracias liberais que erigiram o racionalismo científico ao posto de único estatuto possível da verdade legítima.

Podemos perceber na prática, a ação do *habitus*, quando, os depositários desses sistema reproduzem através de manifestações práticas o repertório metodológico dele ou, inicialmente, fazem perguntas seguindo certos processos intelectivos, o que pode ser um bom exemplo para o que vem a ser uma “disposição geral geradora” ao qual Bourdieu se refere em suas obras. A CCRU não se deixa submeter por tal lógica, o que é verificável por sua iminente fuga que se confunde com expulsão de Warwick, por sua adesão filosófica a intelectuais menos prestigiados academicamente na Inglaterra dos anos 1990 como Lyotard e Bataille, e apreço pela literatura *pulp* e de ficção científica *cyberpunk*, por fim, pela adoção de sistemas cabalísticos, ocultistas e lisérgicos para condução de seus pesquisas, não como mero apêndice, mas enquanto método. Uma combinação poderosa e perigosa que gera, dentre outras coisas, um novo léxico

próprio que até os dias atuais dificulta a compreensão de seus escritos, bem como opera como mecanismo de distinção. Cabe citar também o modo de escrita que busca emular o *blog*, comentários de fóruns, e recursos de hipertextos que podem ser vistos em *Mulher Digital: O feminino e as novas tecnologias* de Sadie Plant, de 1997, e a real adoção do *microblogging* por Land ao utilizar compulsivamente a rede Twitter, após anos em diversos blogs autorais como o Xenosystems, Urban Futures, The Dark Enlightenment, etc. Através das disposições que buscam se afastar ao máximo da forma e estilo acadêmico-cientificista de sua época, a CCRU, e principalmente Nick Land, logra êxito na construção de sua narrativa de *outsider*, não necessitando de uma organização e atos explicitamente intencionados e combativos, mas deixando que a institucionalidade se manifeste através de seus mecanismos de controle, que Land, alinhado a Mencius Moldbug, identifica enquanto *catedral*.

Mencius Moldbug, pseudônimo adotado por Curtis Yarvin, um engenheiro de software e blogueiro de extrema-direita, é tido como o principal teórico do meio neo-reacionário. De forma um pouco mais crônica, precisamos rememorar seu conceito de Universalismo — com a letra *u* maiúscula — que foi apresentado em um *post* no *blog Unqualified Reservations*. Chama a atenção o texto, logo em seus primeiros parágrafos, o autor demarcar a posição de não ser um conservador ou um tradicionalista que pretende voltar ao passado (MOLDBUG., 2007), de maneira oposta, que se alinha com seus escritos posteriores, reação tem uma característica aparentemente contraditória: é um contra-ataque a um sistema de pensamento dominante que cerceia e castra o humano de seus verdadeiros potenciais, podendo ser posicionado à direita política pelo seu completo desprezo pelo igualitarismo, naturalização de opressões e darwinismo social. Subsequentemente, Universalismo é apresentado como uma ideologia ou sistema de crença na razão, herdeira de sectos cristãos, que enxerga no humanismo e nos direitos humanos um pináculo da sociedade ocidental e um caminho pelo qual todos devem trilhar na busca por garantias de qualidade de vida,

o que também é entendido como uma forma de estabelecer o reino de Deus na terra (*idem*, 2007). O Universalismo, esse conjunto de valores progressistas que são identificados como próprios à esquerda, é então a ideologia da catedral. "O que Yarvin está argumentando não é que a esquerda tem controle total, mas sim que o liberalismo ocupa uma posição dominante e hegemônica dentro das instituições acadêmicas, que propagam as políticas estatais liberais."(JONES, 2019, p.108, tradução nossa). A catedral, para Moldbug, é um estrutura monopolista do capital simbólico — consequentemente das virtudes e da verdade — no ocidente, que, ao mesmo tempo que discursivamente refreia o verdadeiro progresso, distancia ativamente os dissidentes da possibilidade de falar por meios estatais. É sobretudo a junção do aparato comunicacional e intelectual da sociedade que produz e dissemina discursos e sanções (MOLDBUG, 2021). Talvez, contraintuitivamente, podemos explicar parcialmente sua lógica torcida com a seguinte reflexão de Bourdieu:

“Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do habitus linguístico, que implicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas (interesse expressivo), definida ao mesmo tempo como capacidade linguística de engendramento infinito de discursos gramaticalmente conformes e como capacidade social que permite utilizar adequadamente essa competência numa situação determinada; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas.” (BOURDIEU, 2008, p.24)

Falar, portanto, torna-se um ato passível não somente de compreensão mas também de aceitação, ou seja, não é somente a conformação à ordem gramatical que exhibe o prestígio do que fala, além, muito mais a conformação à ordem do discurso e o que se convencionou a tratar-se enquanto legítimo nos espaços adequados, que pode incluir ou excluir o sujeito locutor, e que demonstra, na aceitação ou não do discurso, o domínio de certo capital e um certo

conjunto de códigos próprios ao campo em disputa.

Enunciar um discurso, como aqui posto, depende de diversas variáveis, dentre elas a aceitação pública do mesmo. Ao menos, é necessariamente esta a dificuldade que funda o artifício retórico utilizado por meios neo-reacionários. O verniz do refinamento intelectual é o que distingue precisamente a NRx de outros grupos de extrema-direita que se bastam no apelo ao passado e às tradições enquanto porto-seguro afetivo, sendo resultado tanto dos escritos de Moldbug quanto de Land, concedendo certo destaque em espaços que suas intenções cruas, em outra codificação, nunca adentrariam. Há de se observar, assim como Andrew Culp acusa em trecho de seu livro *Dark Deleuze*, que há algo anteriormente elaborado no pensamento de Land, e deixado em aberto, que se materializa no Iluminismo Sombrio, seu *take* particular no neo-reacionarismo (CULP, 2020, p.102), porém, o que o correto domínio dos códigos e a verve disruptiva em parte de sua produção mais antiga dão a oportunidade de mascarar é justamente "[...] a covardia que consiste em defender as forças deste mundo, nomeadamente, o tribunal da razão, a autoridade do mercado e uma fé religiosa na tecnologia." (*idem*, p.104).

Elisabeth Noelle-Neumann (2019) conceitua enquanto possibilidade a existência de um *espiral do silêncio*, que pode nos dar pistas quanto ao sentimento que nutre no meio neo-reacionário. Em seu livro que leva o mesmo nome do conceito citado, realiza um estudo empírico a partir da hipótese de que indivíduos que se sentem constrangidos por opiniões compreendidas enquanto majoritárias, evitam de expressar suas opiniões por medo de serem excluídos e ostracizados do debate público por transgredirem valores tidos como um consenso legitimado por instâncias de poder estabelecidas e influentes. Atribuindo à mídia um poder de influência sem igual, a cientista política alemã, ampara, inconscientemente, um artifício retórico à extrema-direita que se vê enquanto uma maioria não só silenciosa, mas também silenciada. Um contraponto importante é a meta-análise empreitada por Carroll J. Glynn, Andrew F. Hayes e

James Shanahan (1997) com a intenção de medir a disposição de indivíduos a falar o que pode ser percebido enquanto desagradável para a audiência. Foi percebido que a maioria das pesquisas analisadas utilizaram cenários hipotéticos que podem alterar a resposta do participante, ainda que tenha sido identificada uma correlação positiva pequena mas estatisticamente significativa, inclusive quando havia apoio da comunidade frente a interação com agentes da mídia.

Porém, mesmo que não haja devida comprovação do efeito do espiral do silêncio, sua apropriação por círculos de extrema-direita engendram uma narrativa poderosa. Tal narrativa é possivelmente subvertida estrategicamente por Land através da hiperstição, que produz uma impessoalidade ou um espírito autônomo e amorfo que realiza o trabalho de ação e justificação da ação. Aqui, atribuímos um caráter especial à hiperstição: *a de uma tecnologia discursiva, que ao ser enunciada através de seus agentes humanos e não humanos, cria narrativas por meio de uma ideia-força, que modificam o campo.* Estendendo as contribuições de Foucault sobre as tecnologias do poder à sua análise do discurso, Norman Fairclough compreende que o tempo presente aperfeiçoa como nunca antes as formas e meios de se enunciar o discurso. Tecnologias discursivas podem ser compreendidas como um agregado de "[...]técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para perseguir uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos contextos" (FAIRCLOUGH, op. cit., p.264). Hiperstições, enquanto circuitos de feedback positivo se agenciam através de meios diversos, enquanto Fairclough a publicidade enquanto uma tecnologia discursiva que utilizava cartazes, jornais, propagandas televisionadas de forma plenamente controláveis, Land percebe o potencial hipersticioso dos memes e da *hype* que são compreendidos enquanto resultados de uma inteligência coletiva e uma agência artificial externa a agência humana, pois circulam sem um controle centralizado, já que o que encanta Land é:

"A proliferação de 'carriers' ("Quem diz isso?") – multiplicando perspectivas e fragmentos narrativos – produz um *mythos* hipersticional coerente, mas inerentemente desintegrado, ao mesmo tempo que efetua uma destruição positiva da identidade, autoridade e credibilidade." (LAND, 2004, tradução nossa)

Necessário dizer que, Land enquanto um estudioso da economia austríaca, é influenciado principalmente pelo conceito de *roundaboutness*, ou produção indireta, onde localiza no presente a já existência de um valor que somente se realiza no futuro. Logo, um instrumento imaterial como memes e *hype*, aumenta exponencialmente a circulação do discurso ao passo que suas intenções realizadas são prontamente, ou até previamente, naturalizadas enquanto algo que sempre existiu ou irá existir e que é produzido e excitado por forças exteriores não intencionadas. *Hype* não necessita de crença para se concretizar, somente a utiliza como propulsora, ela "[...]faz coisas acontecerem [...]" pois "Só porque algo não é "real" agora, não significa que não se tornará real em algum momento no futuro. E, uma vez que é real, em certo sentido, sempre existiu." (*idem*).

Ademais, há um quê de simulação na hipersitição, simulação essa que Fairclough aponta como um agente mistificador que produz uma falsa sensação de horizontalidade ou pertencimento nos espaços de poder, ao caracterizar a hiperstição como tecnologia discursiva, há de se dizer que ela também é utilizada para expressar, impor e ser instrumento de exercer poder, seja o poder derivado da força anima os meios neo-reacionários, seja o poder de influência obtido pelo seu tecnólogo do discurso, Nick Land, no campo político e intelectual, de formas distinguíveis entre si, mas que debitam a ele o devido capital simbólico. Fairclough reforça ainda que tecnologias discursivas são constantemente aperfeiçoadas com intuito de gerarem mudanças discursivas de forma conscientemente planejada. Cabe a nós evidenciar a lógica por trás do véu do desinteresse, que já dá pistas na proposição do conceito landiano, mas que se organiza e

aperfeiçoa ora de forma rizomática, ora de forma organizada.

Vejam, existem objetos de conhecimento tão legitimados que sequer precisam de uma justificativa pois já se impuseram através de imposições do poder simbólico ou de instrumentos de pensamentos (Bourdieu, 2007, p. 213) internalizados no processo educacional, bem como existe uma hierarquia de objetos de estudo que sua justificação implícita e estabelecida, nas estruturas do saber escolar, podem se manifestar sem se justificar explicitamente, elevadas ao cânone que constitui um arbitrário cultural dominante estabelecido por intelectuais acadêmicos prestigiados, ainda que sendo uma fração dominada da classe dominante. Até mesmo a tentativa de fazer com que os temas da CCRU e ideias gestadas em seu meio adentrem recentemente na universidade e instituições de ensino passa por um processo de purificação, como a não abordagem do caráter esotérico/ocultista ou, como ocorreu na NCRP ao convidar Land para dar um curso, exigiu controle amplo sobre seu foco, a descrição e programa de curso (Duffy, 2018) e que não viria a se repetir com a radicalização de Land. Kronic inclusive aponta que a dificuldade enfrentada na apreciação da obra filosófica de Land pode proceder de sua reputação, bem como da forma jocosa e rocambolesca com qual este se desprezava a filosofia *tout court*, que resultaria em suas produções terem maior influência fora do campo acadêmico, ainda assim coerente com sua forma de compreender o fazer filosófico, mas explicitando um interesse próprio ao grupo “que os torna tanto mais interessados uns aos outros quanto mais a satisfação de suas demandas simbólicas depende desta libido socializada” (Rodrigues, 2017).

O isolamento e excentricidades atribuídas a CCRU, e principalmente Nick Land, é mais amplamente posto em evidência por uma fuga de normas de discursividades que forçava a quem se dispusesse a conhecer tal universo, conhecer os códigos e o repertório linguístico-cultural de nicho que a caracterizava. Ora, existe um constrangimento social sobre grupos desviantes da língua oficial, não só sua forma e estilo, mas principalmente sobre o que é

legítimo, e como deve ser dito e falado. A forma aqui assume a responsabilidade de mascarar o conteúdo que mascara a si próprio, ao passo que os distinguem enquanto intelectuais livres — o que Bourdieu critica duramente em sua entrevista intitulada “*Como liberar os intelectuais livres*” — calcados em um ecletismo e apego a novidade. Porém, talvez uma corrente compreensão da universidade como instrumento de violência simbólica, que desmorona a leitura romântica de seu potencial libertador — ou, pela perspectiva landiana, sendo deslibinizada, e, imerso num sistema de negociação de capital simbólico, tenha excitado seus membros a buscar a autonomia, ainda que performando um desinteresse interessado (Rodrigues, 2017).

“A parte mais incrível do CCRU é que eles eram uma gangue de estudantes P.h.D. com atitude!”, diz Eshun. Abominando “o lado neurótico da filosofia, a mastigação das entranhas de velhos autores mortos”, profundamente entediados pela “atmosfera deslibidinal” dos seminários acadêmicos, o CCRU costumava participar dos eventos acadêmicos, afirma Eshun, “para tumultuar, minar e ridicularizar... Eles entrariam em batalhas campais com os Derridadianos!” (REYNOLDS, *op. cit.*)

Como já dito, a exclusão ou auto-exclusão da academia não necessariamente é algo negativo, seja pra Land, seja para a CCRU, pois ambos adquirem capital simbólico em um “microcosmo social particular” (Martin *apud* Bourdieu, 2017 p. 111) onde se consagra conquanto se distinguem das instituições “puras” e são reconhecidos enquanto agentes “malditos” e “contraventores de normas”, adquirindo “importância social e razões de viver” (*idem*, p. 111) através de sua associação a grupos marginais e subculturas político-filosóficas, porém com uma roupagem intelectualizada. Aqui expressamos capital simbólico enquanto um elemento distintivo que se adquire ao fazer-se reconhecido um conhecimento próprio a um círculo que partilha de disposições estruturadas e estruturantes internalizadas similares. O fato de Land ter repentinamente se isolado

na China, e abandonado o ambiente acadêmico, bem como se mantido recluso em um momento de efervescência em torno de seu nome, leva a uma questão importante: qual é o sentido de explorar o fazer filosófico fora de seu principal espaço de consagração? Ou, de outra forma, o que Land fazia em Warwick era simples filosofia ou ativa politização da academia ao passo que denunciava sua corrupção deslibidinal?

Diante disso, há uma clara migração do agente enfraquecido para o campo político ao ser *deliberadamente autoexcluído* da academia, orgulhando-se da liberdade em ser um para-acadêmico não mais preso ou sujeito à arbitrariedade autoritária dos paradigmas que constituem princípios que integram ou expulsam agentes do campo intelectual. A novidade proporcionada pelas mudanças recentes nas dinâmicas de poder, possibilita que "agentes que podiam considerar-se, ou ser considerados, como espectadores do campo político, tornaram-se agentes em primeira pessoa" (Bourdieu, 2011, p.201), e Land, ao constituir uma narrativa calcada no estratagema da hiperstição, conseguiu um ganho de reconhecimento acadêmico representado, dentre outras coisas, pelo aumento exponencial das citações em *papers*, matérias de *sites* e entrevistas, realizando seu caminho por fora, volta a ser credibilizado e reconhecido em seu campo de origem. Tal dinâmica nos sugere que no bojo da orientação de sua conduta se intenciona estimular uma *revolução* (*idem*, p.201) que possibilita essa interação, trânsito, ou até esmaecimento dos limites do campo.

Land e o discurso neorreacionário que navega em seu mar de conceitos, inverte a lógica do espiral do silenciamento apropriando-se da identidade de minoria silenciada para se articular em espaços limitados para-acadêmicos e movimentos políticos de extrema-direita, criando uma contra-espiral de vocalização, que em última instância é compreendido por estes como um desdobramento natural dinâmica ciberpositiva do capital, a qual estão plenamente alinhados, minando a máquina de conformidade ideológica chamada de *catedral* através da intensificação que também pode ser vista

como desestabilização que, politicamente, tem logrado êxito. Seu uso retórico da tecnologia discursiva da hiperstição não passaria de uma mascarada disputa por capital simbólico no campo em que está situado.

É impossível dizer que Nick Land é somente um rele intelectual midiático. Para além de ter sido pedra angular na formação intelectual de outros professores e teóricos que estabelecem na academia a *ontologia orientada a objetos* (OOO), o realismo especulativo, e, obviamente, o aceleracionismo/inumanismo, este é reconhecido, de forma pertinentemente crítica, como um dos grandes pensadores do novos tempos. Mark Fisher, principalmente em seu primeiro livro "*Flatline constructs: gothic materialism and cybernetic theory-fiction*", possui um estilo de escrita e influências teórico-metodológicas altamente influenciadas por Land, e mesmo após se diferenciar e se autonomizar de seu professor, continua a reconhecê-lo como um oponente digno, um Nietzsche moderno, e um intensificador que confrontava a esquerda com críticas necessárias quanto a teoria e prática, como também é possível observar em seu texto de 2012, "*Terminator vs Avatar*", que faz parte da compilação mais importante sobre aceleracionismo já publicada, intitulada "*#Accelerate: The Accelerationist Reader*". Não é nossa intenção no presente artigo afirmar que não é possível o fazer científico ou filosófico sério fora da institucionalidade acadêmica, como bem pontua McKenzie Wark em seu texto sobre Land, onde ressalta seu interesse pelos escritos mais antigos do filósofo e reconhece sua importância e influência:

"Há algo suspeito em uma cultura intelectual que só se interessa pelo sucesso em universidades que estão "reproduzindo privilégio como sabedoria" (549). Espera-se que se reserve atenção apenas para aqueles que não se desviaram do caminho: estudar em universidades de elite para depois lecionar nelas. Tais escritores podem dizer coisas valiosas, mas são profundamente institucionais de maneiras que eles mesmos nem sequer conseguem perceber. Em contraponto, Land se torna um caso

interessante. Ele abandonou esse mundo para adotar o tipo de vida precária de escritor que, para muitos autores, hoje é uma realidade." (WARK, 2017, tradução nossa)

Por outro lado, a fuga da institucionalidade, ao atribuir uma ideologia específica e silenciadora a ela pode se tornar um instrumento retórico perigoso, que pode tanto proporcionar autonomia para projetos libertários anti-sistêmicos, quanto projetos reacionários que também se enxergam enquanto anti-sistêmicos. Intelectuais em diversos momentos tentam influenciar na política, seja dentro ou fora da academia, o que torna Land singular, resvala em seu modo cínico de simular um desinteresse através da conclusão que chega através do que nomeia como horrorismo, que deriva da compreensão do funcionamento ciberpositivo da hiperstição:

"“O que deve ser feito?” não é uma questão neutra. O agente que ela invoca já se estica na direção do progresso. Isso é suficiente para sugerir uma resposta horrorista: Nada. Não faça nada. Sua ‘práxis’ progressista dará em nada, em todo caso. Desespere-se. Receda ao horror.” (LAND, 2017b)

Enquanto Bourdieu no final dos anos 1990 trazia a debate quais seriam as formas de um intelectual dar força às ideias com fins de que sejam mobilizadoras politicamente, ao passo que o intelectual não se torne político, percebemos na contemporaneidade uma fronteira que busca ser constantemente borrada de modo que não prejudique a circulação de capital simbólico dentro dos respectivos campos. Em um curioso alinhamento às ditas contradições desterritorializadoras do capital, Land ora propõe intensificar esse movimento, ora, ao compreender o aceleracionismo enquanto diagnóstico, se resigna a ser mero expectador da derrota alheia que é justamente sua vitória. Porém, há de compreender que ambos os movimentos não expressam a falta de um interesse, precisamente pelas intenções destrutivas do autor em relação a academia que parecem não ser suficientemente destrutivas, senão, um véu para a reforma de um campo que não consegue completamente escapar,

haja visto que

"Querer fazer a revolução em um campo é concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, a saber, que ele é importante, que o que está em jogo aí é tão importante a ponto de se desejar aí fazer a revolução" (BOURDIEU, 1996, p.302)

Interesse, portanto, não é somente um cálculo consciente voltado a uma razão utilitária das próprias ações, para além, são as forças que impelem agentes do campo a se colocar em luta pela disputa do campo ainda que não percebam as disposições que os movem.

Conclusão

Se as conclusões provenientes das nossas inferências através da análise crítica do discurso foram bem sucedidas, podemos, ao passo que utilizamos do raciocínio construído por Land através de sua formulação teórico-conceitual própria, trazer a luz o que esta máscara, performa, ou piamente acredita ser a forma de ação adequada para empreender seu projeto anti-humanista, ainda que Land não revele explicitamente seus objetivos. A suposição que se põe no início do artigo, também é uma forma de inscrever no texto o próprio raciocínio hipersticioso, assim como outros elementos que proporcionam a conclusão aqui exposta, como por exemplo a não linearidade nos depoimentos analisados ou a possibilidade de fragmentação do texto que, mesmo reorganizando seja parágrafos, comunicam o objetivo principal do artigo sem prejuízo ao leitor. O que nos leva à conclusão da conclusão: há na hiperstição mais que um diagnóstico, há uma fórmula retórica e uma tecnologia discursiva verdadeiramente flexível e moldável para se afirmar seja lá o que se queira afirmar, utilizando-se da ficção para assegurar seu status de verdade ao construir um estratagema que não se encerra no presente na medida que é impossível atacar o que, *ainda* não se afere ser real.

Ou mesmo, hiperstição enquanto uma tecnologia discursiva é somente mais um sintoma da potência de plasticidade que nos é dada através da linguagem e que, bem organizada, pode enunciar discursos de modo aparentemente amorfos, ambíguos ou desinteressados. No limite, também fomos enganados por essa narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento. In. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo, Edusp, 2008.

_____. Como liberar os intelectuais livres? In **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

_____. É possível um ato desinteressado? In **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Papyrus, Campinas, SP. Papyrus. 1996, p.294-339. (Edição ePub)

CCRU. **CCRU Writings: 1997-2003**. Time Spiral Press, 2015

DUFFY, Owen. **Accelerating Academia: The New Centre for Research & Practice**. E-flux Education, 2018. Disponível em <https://www.e-flux.com/education/features/179137/accelerating-academia-the-new-centre-for-research-practice> Acesso em: 6 Mai. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social nas sociedades contemporâneas. In **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. p.246-274

FISHER, Mark; AMBROSE, Darren. (eds.). **K-Punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016)**. Londres: Repeater, 2018.

_____. **Exterminador do Futuro versus Avatar**. Medium, 2020. Disponível em <https://medium.com/@v1nk3l/exterminador-do-futuro-vs-avatar-mark-fisher-5516a9b1f4e5> Acesso em: 6 Mai. 2025.

GLYNN, Carol; HAYES, Andrew F.; SHANAHAN, James. Perceived Support for One's Opinions and Willingness to Speak Out: A Meta-Analysis of Survey Studies on the 'Spiral of Silence', **Public Opinion Quarterly**, Volume 61, Edição 3, Novembro 1997, p.452-463, <https://doi.org/10.1086/297808>

HUI, Y. "On the Unhappy Consciousness of Neoreactionaries". **E-flux Journal**, 81, Abr. 2017. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/81/125815/on-the-unhappy-consciousness-of-neoreactionaries/>. Acesso em 6 Mai. 2025.

KRONIC, Maya B. **Nick Land: An Experiment in Inhumanism**. Maya B. Kronic published and unpublished writings and translations, 2012. Disponível em: <https://readthis.wtf/writing/nick-land-an-experiment-in-inhumanism/> Acesso em 6 Mai. 2025.

JONES, Andrew. (2019). From NeoReactionary Theory to the Alt-Right. In: Battista, C., Sande, M. (eds) **Critical Theory and the Humanities in the Age of the Alt-Right**. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-18753-8_6

MARTIN, Monique de Saint. Capital Simbólico. In. HEY, Ana Paula, et all. (orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOLDBUG, Mencius. **Universalism: postwar progressivism as a Christian sect**. Unqualified Reservations, 2007. Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/2007/07/universalism-postwar-progressivism-as/> Acesso em 6 Mai. 2025.

_____. **A brief explanation of the cathedral**. Gray Mirror, 2021. Disponível em: <https://graymirror.substack.com/p/a-brief-explanation-of-the-cathedral> Acesso em 6 Mai. 2025.

LAND, Nick. **Hyperstition: An Introduction**. Delphi Carstens Interviews Nick Land. Orphan Drift, 2009. Disponível em: <https://www.orphandriftdriftarchive.com/articles/hyperstition-an-introduction/> Acesso em: 6 Mai. 2025.

_____. **The Only Thing I Would Impose is Fragmentation' – Interview with Nick Land**. ŠUM Magazine Website, 2017a. Disponível em: <https://sumrevija.si/en/article/sum7-edino-kar-bi-vedel-je-fragmentacija-intervju-z-nickom-landom/> Acesso em: 6 Mai. 2025.

- _____. **Horrorismo**. Outlandish blog, 2017b. Disponível em: <https://xenosistemas.wordpress.com/2017/02/14/horrorismo/> Acesso em: 6 Mai. 2025.
- _____. **Polytics**. Hyperstition Blog, 2004. Disponível em: <http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/006777.html> Acesso em: 6 Mai. 2025.
- REYNOLDS, Simon. **Entrevista de Simon Reynolds com o CCRU: A Academia Renegada (1998)**. Medium. 2024 Disponível em: <https://medium.com/@claricepelotas/entrevista-de-simon-reynolds-com-o-ccru-a-academia-renegada-1998-4e64e0b2540c> Acesso em 6 Mai. 2025.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. **Desinteresse interessado**. Revista de História, São Paulo, n. 176, p. 01–09, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.125472. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/125472> Acesso em: 6 Mai. 2025.
- WARK, M. **"On Nick Land"**. Verso Books Website, 2017. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/3284-on-nick-land> Acesso em: 28 Out. 2020.